



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes 3



Atena
Editora

Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

A Produção do Conhecimento nas Letras,
Linguísticas e Artes 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas letras, linguísticas e artes 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Letras, Linguísticas e Artes; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-281-4

DOI 10.22533/at.ed.814192404

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.
3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 407

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Aproximar as diferentes áreas do saber com a finalidade de propor reflexões e contribuir com a formação dos sujeitos significa potencializar as habilidades que cada um traz consigo e, ao mesmo tempo, valorizar os múltiplos saberes, correlacionando com as questões que necessitam ser reestruturadas.

Neste terceiro volume da coletânea, os propósitos comunicativos e de divulgação científica dos conhecimentos produzidos no campo das Letras, Linguística e das Artes são cumpridos por aproximar e apresentar aos leitores vinte e nove reflexões que, certamente, problematizarão as questões de trabalho com as ciências da linguagem e da atuação humana.

O autor do primeiro capítulo problematiza o processo de letramento dos sujeitos com deficiência visual, destacando a relevância do trabalho de revisão textual em Braille e da atuação do profissional Revisor de textos em Braille, ampliando as questões referentes à inclusão e às políticas de acessibilidade. No segundo capítulo, os autores abordam as dificuldades referentes à leitura e produção textual nas turmas de 6º e 8º anos do Ensino Fundamental, de uma instituição da Rede Pública. No terceiro capítulo é apresentado um relato do processo de redução orquestral para piano da Fantasia Brasileira de Radamés Gnattali, composta em 1936.

No quarto capítulo são apresentadas as observações na recepção do leitor/receptor com a poesia, na leitura de poemas escritos e multimodais e como a sonoridade interfere na interpretação dos poemas e a proximidade do leitor com tal tipologia. No quinto capítulo, o autor propõe como reflexão o ensino e a aprendizagem de língua inglesa no Brasil, considerando os fatores socioculturais e linguísticos. No sexto capítulo é tematizado o sentido da arte para o público que agiu como coautor de uma instalação artística realizada no espaço expositivo de uma instituição mineira.

No sétimo capítulo, o autor apresenta uma leitura das metáforas metalinguísticas do escritor Euclides da Cunha, nos livros *Os Sertões* e *Um paraíso perdido*. No oitavo capítulo, o autor revela as etapas de realização do I Salão Global da Primavera. No nono capítulo, a autora analisa como as animações do Studio Ghibli, sob comando dos diretores Miyazaki e Takahata como desenvolvimento do cinema japonês.

No décimo capítulo, os autores abordam sobre o processo histórico de revitalização do Nheengatu ou Língua Geral Amazônica. O décimo primeiro capítulo tece sintéticas considerações no processo de reconhecimento e metodologias para o ensino de Arte. No décimo segundo capítulo são discutidas as abordagens sobre gênero e como tais questões estão presentes na obra *O Matador*, da escritora contemporânea Patrícia Melo.

No décimo terceiro capítulo, as autoras discutem a participação da mulher no processo histórico de consolidação do samba de raiz. No décimo quarto capítulo, o ensino de Literatura aos alunos com surdez simboliza o objeto de letramento dos sujeitos. No décimo quinto capítulo, a autora apresenta um estudo de caráter

documental, reunindo e expondo as informações referentes à poesia Sul-matogrossense, de Dora Ribeiro.

No décimo sexto capítulo, o autor faz uma leitura ampla do disco *Sobrevivendo no Inferno*, 1997, do Racionais MC's. No décimo sétimo capítulo, o autor aborda as noções de veracidade e verossimilhança em *No mundo de Aisha*. No décimo oitavo capítulo a discussão volta-se para a questão da mobilidade acadêmica internacional de estudantes brasileiros, como forma de produção do conhecimento além-fronteiras. No décimo nono capítulo há uma reflexão crítica a respeito dos discursos do sucesso na sociedade atual, tendo como instrumental teórico e metodológico a *Análise do Discurso* derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux.

No vigésimo capítulo, os autores expõem a cultura togolesa em relação aos aspectos econômico, social, educacional e ambiental. No vigésimo primeiro capítulo, os autores utilizam na discussão do trabalho a pesquisa autobiográfica proposta por Joseph Campbell. No vigésimo segundo capítulo, o autor traz à discussão a temática da luta contra a ditadura do teatro brasileiro, enfatizando a escrita e a atuação de Augusto Boal.

No vigésimo terceiro capítulo, a autora discute a valorização da identidade nacionalista em consonância com a crítica social presentes na produção poética santomense de autoria feminina. No vigésimo quarto capítulo, os autores disseminam reflexivamente alguns conceitos sobre a importância do solo no ambiente escolar como estratégia aproximada dos saberes e da promoção formativa de uma consciência pedológica. No vigésimo quinto capítulo, o Canto Coral é discutido como atividade integradora e socializadora para os participantes, promovendo, sobretudo, o aprendizado musical.

No vigésimo sexto capítulo, o autor problematiza a condução da dança de salão, além de enfatizar questões acerca da sexualidade, comunicação proxêmica e relações de poder com base em alguns conceitos discutidos no trabalho. No vigésimo sétimo capítulo são apresentados os resultados da pesquisa *A identidade regional e a responsabilidade social como ferramentas para agregar valor na Moda da Serra Gaúcha*. No vigésimo oitavo capítulo, o autor discute e apresenta as influências da Era Digital na produção e recepção literárias na narrativa transmídia. E no vigésimo nono e último capítulo, as autoras refletem sobre as experiências poéticas e discutem as noções estéticas das práticas artísticas humanitárias.

É nessa concepção que a compilação dos vinte e nove capítulos possibilitará a cada leitor e interlocutor desta coletânea compreender que o conhecimento estabelece conexões entre as diferentes áreas do conhecimento. Assim, a produção organizada do conhecimento na experiência dos interlocutores desta Coleção abre caminhos nas finalidades esperadas nas habilidades de leitura, escrita e reflexão.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O LETRAMENTO NA DEFICIÊNCIA VISUAL E AS QUESTÕES DE REVISÃO TEXTUAL EM BRAILLE	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8141924041	
CAPÍTULO 2	14
FÁBULAS, PROVÉRBIOS: TECITURAS DA LÍNGUA PORTUGUESA	
Jean Brito da Silva	
Lindalva José de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.8141924042	
CAPÍTULO 3	24
FANTASIA BRASILEIRA PARA PIANO E ORQUESTRA DE RADAMÉS GNATTALI: RELATO DO PROCESSO DE REDUÇÃO ORQUESTRAL	
Cláudia de Araújo Marques	
DOI 10.22533/at.ed.8141924043	
CAPÍTULO 4	34
FRUIÇÃO NA RECEPÇÃO POÉTICA E OS IMPACTOS DA SONORIDADE NESSE PROCESSO	
Lavínia dos Santos Prado	
Letícia Gottardi	
Wilker Ramos Soares	
DOI 10.22533/at.ed.8141924044	
CAPÍTULO 5	49
INTERSECÇÕES ENTRE EDUCAÇÃO E LINGUÍSTICA NO APRENDIZADO DE INGLÊS: UM “INGLÊS BRASILEIRO”	
Victor Carreão	
DOI 10.22533/at.ed.8141924045	
CAPÍTULO 6	56
INSTALAÇÃO ARTÍSTICA E OS SENTIDOS PRODUZIDOS PELO PÚBLICO: O CORPO COMO LÓCUS DE POSICIONAMENTO POLÍTICO E ESTÉTICO	
Adriana Vaz	
Rossano Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8141924046	
CAPÍTULO 7	69
METÁFORAS METALINGUÍSTICAS DE EUCLIDES DA CUNHA	
Carlos Antônio Magalhães Guedelha	
DOI 10.22533/at.ed.8141924047	
CAPÍTULO 8	83
O I SALÃO GLOBAL DA PRIMAVERA – ARTES PLÁSTICAS: BRASÍLIA E ESTADO DE GOIÁS, 1973 - REALIZAÇÃO REDE GLOBO	
Aguinaldo Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.8141924048	

CAPÍTULO 9	97
O MODELO DE CINEMA DO STUDIO GHIBLI, QUE CONQUISTOU OS JAPONESES	
Luiza Pires Bastos	
DOI 10.22533/at.ed.8141924049	
CAPÍTULO 10	107
O NHEENGATU NO RIO TAPAJÓS: REVITALIZAÇÃO LINGUÍSTICA E RESISTÊNCIA POLÍTICA	
Florêncio Almeida Vaz Filho	
Sâmela Ramos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.81419240410	
CAPÍTULO 11	123
PROCESSOS INVESTIGATIVOS PARA COMPREENDER AS IMAGENS COMO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DA ARTE	
Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.81419240411	
CAPÍTULO 12	135
REPRESENTAÇÃO DE GÊNERO NAS PERSONAGENS CLEDIR E ÉRICA EM <i>O MATADOR</i> , DE PATRÍCIA MELO	
Naira Suzane Soares Almeida	
Algemira de Macedo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.81419240412	
CAPÍTULO 13	146
SAMBA DE RAIZ: UM ESTUDO ENUNCIATIVO DO TESTEMUNHO FEMININO	
Claudia Toldo	
Débora Facin	
DOI 10.22533/at.ed.81419240413	
CAPÍTULO 14	161
SILÊNCIOS E SILENCIADOS: O ENSINO DE LITERATURA E OS ALUNOS SURDOS	
Mirian Theyla Ribeiro Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.81419240414	
CAPÍTULO 15	175
DORA RIBEIRO: ESBOÇO DA VIDA E OBRA	
Ana Claudia Pinheiro Dias Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.81419240415	
CAPÍTULO 16	192
<i>SOBREVIVENDO NO INFERNO</i> : DE ONDE VEM O RACIONAIS?	
Rodrigo Estrella Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.81419240416	
CAPÍTULO 17	205
VERACIDADE E VEROSSIMILHANÇA N'O <i>MUNDO DE AISHA</i>	
Antonio do Rego Barros Neto	
DOI 10.22533/at.ed.81419240417	

CAPÍTULO 18	222
UM OLHAR DIALÓGICO PARA A MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL DE ESTUDANTES BRASILEIROS	
Vilton Soares de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.81419240418	
CAPÍTULO 19	240
A FORÇA DAS PALAVRAS: OS SENTIDOS DO SUCESSO	
Thiago Barbosa Soares	
DOI 10.22533/at.ed.81419240419	
CAPÍTULO 20	250
A CULTURA AFRICANA: CASO DA REPÚBLICA DO TOGO	
Omar Ouro-Salim	
José Eduardo Machado Barroso	
Marcela Cabral Mendes Barroso	
Fausto Teodoro Neves	
DOI 10.22533/at.ed.81419240420	
CAPÍTULO 21	262
A JORNADA DO HERÓI COMO METODOLOGIA DE PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA	
Ítalo Franco Costa	
Cláudia Mariza Mattos Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.81419240421	
CAPÍTULO 22	272
A LUTA CONTRA A DITADURA DO TEATRO BRASILEIRO: AUGUSTO BOAL E A <i>PRIMEIRA FEIRA PAULISTA DE OPINIÃO</i>	
Daniele Severi	
DOI 10.22533/at.ed.81419240422	
CAPÍTULO 23	284
A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E A CRÍTICA SOCIAL PRESENTES NA PRODUÇÃO POÉTICA SANTOMENSE DE AUTORIA FEMININA	
Susane Martins Ribeiro Silva	
DOI 10.22533/at.ed.81419240423	
CAPÍTULO 24	296
O TEATRO DE FANTOCHES COMO PRÁTICA SIGNIFICATIVA PARA CONTEXTUALIZAR O TEMA SOLO EM SALA DE AULA	
José Ray Martins Farias	
Josiele Carlos Fortunato	
Paulo Cesar Batista de Farias	
Ivson de Sousa Barbosa	
Francisco Laires Cavalcante	
Adriana de Fátima Meira Vital	
DOI 10.22533/at.ed.81419240424	

CAPÍTULO 25	307
CANTO CORAL COMO AGENTE DE INTERAÇÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO HUMANO	
Karen Zeferino	
Andréia Anhezini da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.81419240425	
CAPÍTULO 26	312
DANÇA DE SALÃO E NOVOS CONCEITOS DE CONDUÇÃO: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DA SEXUALIDADE, COMUNICAÇÃO PROXÊMICA E RELAÇÕES DE PODER	
Bruno Blois Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.81419240426	
CAPÍTULO 27	325
TECENDO A IDENTIDADE PARA POTENCIALIZAR A SUSTENTABILIDADE DAS EMPRESAS LOCAIS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	
Mercedes Lusa Manfredini	
Bernardete Lenita Sisuin Venzon	
DOI 10.22533/at.ed.81419240427	
CAPÍTULO 28	334
“O MENINO QUE SOBREVIVEU”: O FENÔMENO <i>HARRY POTTER</i> NA ERA DIGITAL	
Fellip Agner Trindade Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.81419240428	
CAPÍTULO 29	342
CAMINHAR, UM MÉTODO POÉTICO (BRASÍLIA)	
Tatiana Vieira Terra	
Karina e Silva Dias	
DOI 10.22533/at.ed.81419240429	
CAPÍTULO 30	354
O CABRA E A QUESTÃO CULTURAL NAS METÁFORAS ANIMAIS	
Fernanda Carneiro Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.81419240430	
SOBRE O ORGANIZADOR	366

A VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E A CRÍTICA SOCIAL PRESENTES NA PRODUÇÃO POÉTICA SANTOMENSE DE AUTORIA FEMININA

Susane Martins Ribeiro Silva

Universidade Estadual do Maranhão

São Luís – MA

RESUMO: Marcada pela diversidade e pelos aspectos relacionados ao modo de vida insular dos países africanos, a poesia santomense, que aborda situações sociopolíticas como também o papel do indivíduo na sociedade atual, além da violência e do preconceito, ganha destaque no âmbito da produção literária africana em língua portuguesa, principalmente no que diz respeito à produção poética de autoria feminina. Nessa perspectiva, diversas autoras usam seus poemas para denunciar tais problemas, sem deixar de lado o lirismo. Dentre essas, estão Alda do Espírito Santo, cujas composições são marcadas pela luta, resistência e liberdade do povo; Conceição Lima, que em seus versos, principalmente na obra *A dolorosa raiz do micondó*, destaca a escravidão, a repressão e as humilhações sofridas pelo povo santomense; Manuela Margarido, que de forma sutil, apresenta uma poesia mais intimista, marcada pela angústia e pelo medo; e Olinda Beja, que aborda o conflito e a violência do mundo colonizador, além de propor, em seus versos, a reanimação das origens, como é percebido em *Aromas de Cajamanga*. Além destas, outras poetisas dão ênfase a essas abordagens, dando

margin para estudos semelhantes.

PALAVRAS-CHAVE: Poetisas Santomenses. Literatura Nacional. Poesia Social. África. Diversidade.

ABSTRACT: The poetry production of São Tomé e Príncipe is impacted by diversity and the aspects related to the African countries' islander way of life. It focus on sociopolitical situations and the role of the individual in contemporary society as well, besides violence and prejudice, what it has been highlighted in the scope of literary African production in Portuguese language, especially about the poetic production from female authorship. In this perspective, several female authors use their poems to denounce such problems, without neglecting lyricism. Among these authors, there is Alda do Espírito Santo whose texts are marked by the struggle, resistance and freedom of the people; Conceição Lima, who in her verses, especially in the work *A dolorosa raiz do micondó*, highlights the slavery, repression and humiliations suffered by the people of São Tomé e Príncipe; Manuela Margarido, who in a subtle way, presents a more intimate poetry, marked by anguish and fear; and Olinda Beja, who approaches the conflict and violence in the perspective of the settler view, besides proposing, in her verses, the revival of origins, as perceived in *Aromas de Cajamanga*. In addition, other female poets

emphasize these approaches, giving rise to similar studies.

KEYWORDS: São Tomé e Príncipe's female poets. National Literature. Social Poetry. Africa. Diversity.

1 | INTRODUÇÃO

A produção literária em São Tomé e Príncipe está ligada diretamente à escrita poética. Essa criação, por sua vez, é caracterizada pelas formas livres e por abordar, além do modo de vida insular, o papel do sujeito santomense e as marcas da história deste país. Considerar essas características é de fundamental importância para o poeta, pois, através disso, o artista valoriza a sua cultura e permite a prevalência de sua identidade.

E é através destas qualificações que as poetisas santomenses atribuem suas composições. Apesar de apresentarem cada uma à sua maneira, cada uma o seu estilo, a produção poética de autoria feminina evidencia ideias relacionadas à violência imposta pelo colonizador português, à vida frágil que, apesar das dificuldades do dia a dia, torna-se resistente; à preservação da identidade cultural, seja no uso de palavras de idiomas locais, seja na descrição de costumes e, é claro, do papel da mulher santomense.

É considerado escasso o estudo da produção poética santomense de autoria feminina. Apesar de a produção poética santomense ter grandes representantes como António Almada Negreiros e Caetano de Costa Alegre, as poetisas santomenses ganham lugar e prestígio, pela preocupação em abordar temas relacionados ao povo de São Tomé e Príncipe e também pelo fato de se tratar de uma literatura genuinamente africana.

Apreciam-se neste estudo composições poéticas de quatro poetisas santomenses contemporâneas que, por sua vez, estão inseridas em livros publicados de notoriedade significativa, associados à valorização da identidade nacional, bem como carregam traços de crítica social. A seleção da coletânea dá-se pelo interesse em apresentar ao público uma produção literária africana pouco discutida no ambiente acadêmico.

Tal estudo tem como principal proveito ascender o interesse pela leitura e análise da obra das autoras supracitadas, levando em consideração a riqueza dessas produções e, ainda, promover o trabalho dessas autoras, afinal suas produções são uma forma de conhecer a cultura e a identidade de São Tomé e Príncipe.

2 | A POESIA SANTOMENSE DE AUTORIA FEMININA

A produção literária santomense é significativa, o que não se pode dizer dos estudos acerca dessa produção, justamente por se tratar de uma literatura pouco discutida no âmbito acadêmico. Ainda, algumas mulheres ganham notoriedade nessa produção, pois tratam de diversas abordagens, muitas delas relacionadas a temas que

englobam discussões sociais.

Tais temas abordados por elas vão desde o modo de vida insular, a forma como o indivíduo santomense vive frente às mazelas da vida, como também usufruem do papel da poesia em denunciar os problemas sociais encontramos neste país.

Para este artigo, foram selecionadas quatro poetisas que trazem em suas obras algum tipo de crítica social, como também a valorização da identidade nacional. São elas: Alda do Espírito Santo, Conceição Lima, Manuela Margarido e Olinda Beja.

2.1 Alda do Espírito Santo

Nome intensamente relacionado à consolidação da cultura santomense, Alda do Espírito Santo eleva sua crítica ao colonialismo, bem como aos direitos do colonizado. Trata com sutileza a natureza vibrante, canta em seus versos a beleza de seu país, seus costumes e crenças. Valoriza suas origens enfatizando o dia a dia de seu lugar e sua gente. Além disso, trata com veemência as mulheres de seu país: seu trabalho, força e dedicação à família, com voz de luta pela liberdade de viver e pensar.

Sob todos esses aspectos, sem deixar de lado outras obras de sua autoria, *É nosso o solo sagrado da terra* destaca-se por englobar tais perspectivas supracitadas, com poemas que primam tanto pela valorização da terra quanto pelo papel da mulher na sociedade. Ao ler as composições deste título, percebe-se que os poemas dialogam entre si, encantando e surpreendendo o leitor.

Valorizando sua cultura e, ao mesmo tempo, convocando suas conterrâneas para lutar pela preservação de sua cultura, o poema *Às mulheres de minha terra* é aparentemente considerado um clamor às mulheres santomenses, para que a cultura deste país não se perca, como é percebido nos primeiros versos do poema:

Irmãs, do meu torrão pequeno
Que passais pela estrada do meu país de África
É para vós, irmãs, a minha alma toda inteira
— Há em mim uma lacuna amarga —
Eu queria falar convosco no nosso crioulo cantante
Queria levar até vós, a mensagem das nossas vidas
Na língua maternal, bebida com o leite dos nossos primeiros dias
Mas irmãs, vou buscar um idioma emprestado
Para mostrar-vos a nossa terra
O nosso grande continente,
Duma ponta a outra.
Queria descer convosco às nossas praias
Onde arrastais as gibas da beira-mar

Sentar-me, na esteira das nossas casas,
Contar convosco os dez mil réis
Do caroço vendido
(SANTO, 1978, p. 81)

Percebe-se a preocupação em manter viva sua cultura, ao pronunciar o fato de publicar seu poema em outro idioma (não o fazendo utilizando sua língua materna). Expondo isso, é notório seu apego pelo povo de tua terra, o mesmo sentimento demonstrado e sentido em *Meu povo, meu poema*, de Ferreira Gullar: o amor pela nação, onde indivíduo e pátria tornam-se elemento único.

Considera-se a identidade de seu povo, a luta em mantê-la. Evidenciam-se, ao longo deste mesmo poema, as atividades provenientes da exploração dos produtos naturais, além da culinária e, com isso, preservar as belezas da ilha.

Uma conversa longa, irmãs.
Vamos juntar as nossas mãos
Calosas de partir caroço
Sujas de banana
“Fermentada” no “macucu”
Na nossa cozinha
De “vá plegá”...
A nossa terra é linda, amigas
E nós queremos
Que ela seja grande...
Ao longo dos tempos!...
Mas é preciso, Irmãs
Conquistar as Ilhas inteiras
De lés a lés.
Amigas, as nossas mãos juntas,
As nossas mãos negras
Prendendo os nossos sonhos estéreis
Varrendo com fúria
Com a fúria das nossas “palayês”
Das nossas feiras,
As coisas más da nossa vida.
Mas é preciso conversar

Ao longo dos caminhos.
Tu e eu minha irmã.
É preciso entender o nosso falar
Juntas de mãos dadas,
Vamos fazer a nossa festa...! (...)
(SANTO, 1978, p. 82)

Ainda, percebe-se a crítica feita pela poetisa com relação às marcas da colonização e a violência imposta pelo colonizador português. O retrato dessa tirania é notória no poema *Construir*, onde os sentimentos de raiva e tristeza mesclam frente à repressão:

Construir sobre a fachada do luar das nossas terras
Um mundo novo onde o amor campeia, unindo os homens
de todas as terras
Por sobre os recalques, os ódios e as incompreensões,
as torturas de todas as eras.
É um longo caminho a percorrer no mundo dos homens.
É difícil sim, percorrer este longo caminho
De longe de toda a África martirizada.
Crucificada todos os dias na alma dos seus filhos.
É difícil sim, recordar o pai esbofeteado
pelo despotismo dum tirano qualquer,
a irmã violada pelo mais forte, os irmãos morrendo nas minas
Enquanto os argentários amontoam o ouro.
É difícil sim percorrer esse longo caminho
Contemplando o cemitério dos mortos lançados ao mar
(...)
(SANTO, 1978, p. 65)

Visível que o sentimento de revolta não se limita tão somente ao povo santomense, mas de toda a África, levando em consideração tinham essa realidade comum: a força bruta, a imposição violenta frente ao povo colonizado, o destino final deste povo cuja cultura foi quase brutalmente extinta pelo colonizador europeu.

A valorização da identidade nacional estende-se a todo o continente maltratado pelo colonizador, onde aqueles que faleciam durante a viagem em navios negreiros com destino a outras colônias eram jogados insanamente ao mar, apesar de ser

referenciado no poema como um imenso cemitério, o mar transmite esperança para o povo da ilha.

O mar, elemento tão comum na literatura de países africanos insulares é descrito como elemento fundamental na vida deste povo. Visto não só como um elemento da natureza, mas um viés de perspectiva e futuro.

2.2 Conceição Lima

Considerada uma poetisa pós-colonial, Conceição Lima emana a voz que grita o sofrimento da sociedade santomense. Busca chamar a atenção do continente europeu sobre as agruras de seus conterrâneos, causadas pela colonização ocorrida durante séculos. Ainda, demonstra também seu descontentamento por conquistas não consolidadas após a independência do país, dando espaço ao medo e à angústia. Tais sofrimento e descontentamento são percebidos na obra *A dolorosa raiz do micondó*, cuja primeira publicação ocorreu em 2006. Nesta obra, o poema *Sóya* mostra a vontade de reerguer o país, apesar de toda mágoa existente:

Há-de nascer de novo o micondó —
belo, imperfeito, no centro do quintal.
À meia-noite, quando as bruxas
povoarem okás milenários
e o kukuku piar pela última vez
na junção dos caminhos.
Sobre as cinzas, contra o vento
bailarão ao amanhecer
ervas e fetos e uma flor de sangue.
Rebentos de milho hão-de nutrir
as gengivas dos velhos
e não mais sonharão as crianças
com gatos pretos e águas turvas
porque a força do marapião
terá voltado para confrontar o mal.
Lianas abraçarão na curva do rio
a insónia dos mortos
quando a primeira mulher
lavar as tranças no leito ressuscitado.
Reabitaremos a casa, nossa intacta morada.

(LIMA, 2012, p. 67-68)

Já o poema *Afroinsularidade*, considerado uma das mais célebres composições poéticas da autora, é o mais nobre e doloroso retrato, em versos, da colonização ocorrida na ilha. As marcas da violência em meio aos costumes do povo, frente às expectativas de viver num país devastado e esquecido pelas autoridades:

Deixaram nas ilhas um legado
de híbridas palavras e tétricas plantações
(...)
Aqui aportaram vindos do Norte
por mandato ou acaso ao serviço do seu rei:
navegadores e piratas
negreiros ladrões contrabandistas
simples homens
rebeldes proscritos também
(...)
Nas naus trouxeram
bússolas quinquilharias sementes
plantas experimentais amarguras atrozes
um padrão de pedra pálido como o trigo
e outras cargas sem sonhos nem raízes
porque toda a ilha era um porto e uma estrada sem regress
todas as mãos eram negras forquilhas e enxadas
E nas roças ficaram pegadas vivas
como cicatrizes — cada cafeeiro respira agora um
escravo morto.
E nas ilhas ficaram
incisivas arrogantes estátuas nas esquinas
cento e tal igrejas e capelas
para mil quilómetros quadrados
e o insurrecto sincretismo dos paços natalícios.
E ficou a cadência palaciana da ússua
o aroma do alho e do zêtê d'óchi
no tempi e na ubaga téla

e no calulu o louro misturado ao óleo de palma
e o perfume do alecrim
e do mlajincon nos quintais dos luchans
(...)
Às vezes penso em suas lívidas ossadas
seus cabelos podres na orla do mar
Aqui, neste fragmento de África
onde, virado para o Sul,
um verbo amanhece alto
como uma dolorosa bandeira.
(LIMA, 2004, p. 37)

Em meio à denúncia e o sentimento de tristeza que, em alguns momentos, emana certo desespero por ver a realidade, nota-se o amor ufanista, como a citação dos sabores, temperos e outros elementos típicos santomenses. Um mistura de amor e ódio, esperança e angústia, medo e vontade de lutar.

2.3 Manuela Margarido

Marcada pelo grito de liberdade e por intenso saudosismo, Manuela Margarido é um dos grandes nomes da poesia em São Tomé e Príncipe. Mesmo exilada em Paris por causa da censura e da repressão política em seu país, trabalhou intensamente na propaganda da cultura santomense.

Por ser filha de português, é notória em suas poesias a mestiçagem presente na formação da sociedade santomense pós-colonial. É intenso também seu sentimento de revolta contra a colonização e os frutos desse processo, principalmente relacionado ao Massacre de Batepá, onde centenas de nativos da ilha foram mortos.

Tais sensações relacionadas a esses e outros eventos violentos cometidos contra o povo é compreendido na obra *Alto como o silêncio*, cuja primeira publicação ocorreu em 1957. O poema intitulado *Memória da Ilha do Príncipe* revela, mnemonicamente a tradição do povo, as belas paisagens de uma nação tão sofrida, tão devastada.

Mãe, tu pegavas charroco
nas águas das ribeiras
a caminho da praia.
Teus cabelos eram lemba-lembas
agora distantes e saudosas,
mas teu rosto escuro
desce sobre mim.

Teu rosto, liliácea
irrompendo entre o cacau,
perfumando com a sua sombra
o instante em que te descobro
no fundo das bocas graves.
Tua mão cor-de-laranja
oscila no céu de zinco
e fixa a saudade
com uns grandes olhos taciturnos.
(...)
(MARGARIDO, 1957, p. 50)

Outra característica relevante na obra desta poetisa é a valorização da espiritualidade presente nas religiões de matriz africana. Filosofia religiosa que sofre bastante preconceito, o espiritualismo presente nas suas poesias vem propondo mostrar o quão místico e significado é a fé do povo africano. Isso é perceptível no poema *Nas minhas ilhas*:

nada escapa à contabilidade dos espíritos
na claridade do dia como na opacidade das noites
espíritos e homens estão ligados
com a força das lianas.
Dêvé é pagar o que os espíritos pedem
com suas vozes silenciosas
insistentes
quando na noite despertam as vegetações
mais tensas e mais opulentas
cheias de gestos de palavras de desejos
Se os espíritos pedem comida e Tabaco
com seus movimentos oscilantes
é para manter viva esta comunicação
necessária entre os que já partiram
e os que vão chegar,
mensageiros do além:
quando a criança nasce

traz na palma da mão o tangen

roteiro mais do que destino

(MARGARIDO, 1977, p. 58)

Interessante que, no poema, os espíritos não são apenas entidades invocadas pelo povo para proteção, mas sim elementos que vivem pelo povo e para o povo; indivíduos considerados pelo povo como sendo o próprio povo. São elementos que, assim como o próprio povo, sentem o desejo de ver renascer das cinzas uma pátria mais forte, mais livre.

2.4 Olinda Beja

Transitando em dois mundos, Olinda Beja reconstrói através da poesia, o povo santomense, já que este é erigido por polos opostos e distintos. Sua poesia celebra com sutileza a mestiçagem que, embora agregue a violência e a mágoa da história do país, amplia uma África além-mar, além de suas terras.

Uma crítica bastante evidente em sua poesia é a imposição da cultura europeia às colônias. Constatamos isso em sua obra *Aromas de Cajamanga*, publicado primeiramente em 2009, mais precisamente num trecho do poema *Visão*:

Conseguiram fazer de mim uma europeia

só que esqueceram de cortar

o cordão umbilical que ficou preso

nas raízes da velha eritrineira

que meu bisavô plantou em Molembu

(BEJA, 2009, p. 15)

Ainda, concebe-se a busca incessante pela identidade do povo santomense, misturada a essa imposição do colonizador. Busca-se incessantemente mostrar ao mundo, demonstrado no poema *Quem Somos?*, a resistência do povo frente a coação colonialista:

O mar chama por nós, somos ilhéus!

Trazemos nas mãos sal e espuma

cantamos nas canoas

dançamos na bruma

somos pescadores-marinheiros

de marés vivas onde se escondeu

a nossa alma ignota

o nosso povo ilhéu

a nossa ilha balouça ao sabor das vagas

e traz a espriar-se no areal da História
a voz do gandu
na nossa memória...
Somos a mestiçagem de um deus que quis mostrar
ao universo a nossa cor tishada
resistimos à voragem do tempo
aos apelos do nada
continuaremos a plantar café cacau
e a comer por gosto fruta-pão
filhos do sol e do mato
arrancados à dor da escravidão
(BEJA, 2009, p. 58)

Ainda que a vida deste povo insular seja marcada pelas mágoas e sofrimento de um passado violento e devastador, ela permanece com a esperança de um futuro mais promissor e feliz.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta singela abordagem sobre a produção poética promovida por importantes mulheres nativas de São Tomé e Príncipe, promove-se a crítica social e a valorização da identidade nacional na poesia de renomadas autoras da Literatura Africana em Língua Portuguesa, sendo elas Alda do Espírito Santo, Conceição Lima, Manuela Margarido e Olinda Beja.

Tais escritoras usam suas composições como instrumentos de denúncia social, enfatizando o tão sofrido passado e a tão difícil realidade de um povo massacrado pela colonização portuguesa e como isso influencia diretamente do firmamento de um futuro duvidosamente promissor, que não significa dizer um impossível futuro auspicioso.

Apesar de apenas quatro escritoras terem sido simplesmente citadas, outras autoras, como Inocência Mata, buscam discutir esses temas em suas produções, fazendo da poesia um texto que vai muito além do lirismo, uma ferramenta que expressa muito mais do que uma realidade: exibem os desejos e anseios daqueles que buscam muito mais do que a palavra pode significar.

REFERÊNCIAS

BEJA, Olinda. **Aromas de Cajamanga**. Lisboa: Escrituras, 2009;

LIMA, Conceição. **A dolorosa raiz do micondó**. São Paulo: Geração Editorial, 2012;

_____. **O útero da casa**. Lisboa: Caminho, 2004;

MARGARIDO, Manuela. **Alto como o silêncio**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1957;

_____. **Dois poemas quase religiosos**. in: Colóquio, Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 1977, p. 58;

SANTO, Alda do Espírito. **É nosso o solo sagrado da terra**. Lisboa: Ulmeiro, 1978.

SOBRE O ORGANIZADOR

IVAN VALE DE SOUSA Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Professor de Língua Portuguesa em Parauapebas, Pará.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-281-4

